

### Primeiras Palavras

Quando muita gente faz discursos pragmáticos e defende nossa adaptação aos fatos, acusando sonho e utopia não apenas de inúteis, mas também de inoportunos enquanto elementos que fazem necessariamente parte de toda prática educativa desocultadora das mentiras dominantes, pode parecer estranho que eu escreva um livro chamado Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.

Para mim, pelo contrário, a prática educativa de opção progressista jamais deixará de ser uma aventura desveladora, uma experiência de desocultação da verdade. É porque sempre pensei assim que, às vezes, se discute se sou ou não sou um educador. Foi isto que, recentemente, ocorreu em um encontro realizado na UNESCO, em Paris, me disse um dos que dele participaram, em que representantes latino-americanos negavam a mim a condição de educador. <sup>obviamente,</sup> Não ~~vã~~ eles. Criticavam em mim o que lhes parecia minha politização exagerada.

Não percebiam, porém, que, ao negarem a mim a condição de educador por ser demasiado político, eram tão políticos

quanto eu. Certamente, contudo, numa posição contrária à minha. Neutros é que nem eram nem poderiam ser.

Por outro lado, deve haver um sem número de pessoas pensando como professor universitário amigo meu que me indagou, espantado: "Mas como, Paulo, uma Pedagogia da Esperança no bojo de uma tal sem-vergonhice como a que nos asfixia hoje, no Brasil?"

É que a "democratização" da sem-vergonhice que vem tomando conta do país, o desrespeito à coisa pública, a impunidade se aprofundaram e se generalizaram tanto que a Nação começou a se pôr de pé, a protestar. Os jovens, e os adolescentes também, vêm às ruas, criticam, exigem seriedade e transparência. O povo grita contra os testemunhos de desfaçatez. As praças públicas de novo se enchem. Há uma esperança, não importa que nem sempre audaz, nas esquinas das ruas, no corpo de cada uma e de cada um de nós. É como se a maioria da nação fosse tomada por incontida necessidade de vomitar em face de tamanha desvergonha.

Por outro lado, sem sequer poder negar a desesperança como algo concreto e sem desconhecer as razões históricas, econômicas e sociais que a explicam não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem

esperança e sem sonho. A esperança é necessidade ontológica; a desesperança, esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica.

Como programa, a desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo.

Não sou esperançoso por pura teimosia mas por imperativo existencial e histórico.

Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída.

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas, prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. Prescindir da

esperança que se funda também na verdade como na qualidade ética da luta é negar a ela um dos seus suportes fundamentais. O essencial, como digo mais adiante no corpo desta Pedagogia da Esperança, é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar na prática. Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã.

Sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate mas, sem o embate, a esperança, como necessidade ontológica, se desarvora, se desendereça e se torna desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero. Daí a precisão de uma certa educação da esperança. É que ela tem uma tal importância em nossa existência, individual e social, que não devemos experimentá-la de forma errada, deixando que ela resvale para a desesperança e o desespero. Desesperança e desespero, consequência e razão de ser da inação ou do imobilismo.

Nas situações limites, mais além das quais se acha o "inédito viável", às vezes perceptível, às vezes, não, se

encontram razões de ser para ambas as posições: a esperançosa e a desesperançosa.

Uma das tarefas do educador ou educadora progressista, através da análise política, séria e correta, é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança, sem a qual pouco podemos fazer porque dificilmente lutamos e quando lutamos, enquanto desesperançados ou desesperados, a nossa é uma luta suicida, é um corpo a corpo puramente vingativo. O que há, porém, de castigo, de pena, de correção, de punição na luta que fazemos movidos pela esperança, pelo fundamento ético-histórico de seu acerto, faz parte da natureza pedagógica do processo político de que a luta é expressão. Não será equitativo que as injustiças, os abusos, as extorsões, os ganhos ilícitos, os tráficos de influência, o uso do cargo para a satisfação de interesses pessoais, que nada disso, por causa de que, com justa ira, lutamos agora no Brasil, não seja corrigido, como não será correto que todas e todos os que forem julgados culpados não sejam severamente, mas dentro da lei, punidos.

Não basta para nós, nem é argumento válido, reconhecer que nada disso é "privilégio" do Terceiro Mundo, como às

vezes se insinua. O Primeiro Mundo foi sempre exemplar em escândalos de toda espécie, sempre foi modelo de malvadez, de exploração. Pense-se apenas no colonialismo, nos massacres dos povos invadidos, subjugados, colonizados; nas guerras deste século, na discriminação racial, vergonhosa e aviltante, na rapinagem por ele perpetrada. Não, não temos o privilégio da desonestidade, mas já não podemos compactuar com os escândalos que nos ferem no mais profundo de nós.

Que cinismo - entre dezenas de outros - o de certos políticos que, pretendendo esconder a seus eleitores - que têm absoluto direito de saber o que fazem no Congresso e por que fazem - defendem, com ares puritanos, em nome da democracia, o direito de esconder-se no "voto secreto" durante a votação do impedimento do Presidente da República. Por que esconder-se, se não há risco, o mais mínimo, de terem sua integridade física ofendida? Por que esconder-se se proclamam a "pureza", a "honradez", a "inatacabilidade" de seu presidente? Pois que assumam, com dignidade, a sua opção. Que explicitem sua defesa do indefensável.

A Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido é um livro assim, escrito com raiva, com amor, sem o que não há esperança. Uma defesa da

tolerância, que <sup>o</sup> não se confunde com a convivência, da radicalidade; uma crítica ao sectarismo, uma compreensão da pós-modernidade progressista e uma recusa à conservadora, neo-liberal.

Num primeiro momento, procuro analisar ou falar de tramas da infância, da mocidade, dos começos da maturidade em que a Pedagogia do Oprimido com que me reencontro neste livro era anunciada e foi tomando forma, primeiro, na oralidade, depois, graficamente.

Algumas dessas tramas terminaram por me trazer ao exílio a que chego com o corpo molhado de história, de marcas culturais, de lembranças, de sentimentos, de dúvidas, de sonhos rasgados mas não desfeitos, de saudades de meu mundo, de meu céu, das águas mornas do Atlântico, da "língua errada do povo, língua certa do povo\*." Cheguei ao exílio e à memória que trazia no meu corpo de tantas tramas juntei a marca de novos fatos, novos saberes constituindo-se, então, em novas tramas.

A Pedagogia do Oprimido emerge de tudo isso e falo dela, de como aprendi ao escrevê-la e até de como, ao primeiro falar dela, fui aprendendo a escrevê-la.

\* Bandeira, Manuel

Poesias

Evocação do Recife - pag 191.  
 Livraria José Olympio Editora  
 Rio de Janeiro, 1955

Depois, num segundo momento do livro atual, retomo a Pedagogia do Oprimido. Discuto alguns de seus momentos, analiso algumas críticas a ela feitas nos anos 70.

No terceiro e último momento deste livro falo amplamente das tramas que tiveram como personagem quase central a Pedagogia do Oprimido mesma. É como se estivesse - e no fundo estou - revivendo e, ao fazê-lo, repensando momentos singulares de minha andarilhagem pelos quatro cantos do mundo a que fui levado pela Pedagogia do Oprimido. Talvez, porém, deva deixar claro aos leitores e leitoras que, ao reportar-me à Pedagogia do Oprimido <sup>ao</sup> falar hoje de tramas vividas nos anos 70, não estou assumindo uma posição saudosista. Na verdade, o meu reencontro com a Pedagogia do Oprimido não tem o tom de quem fala do que já foi, mas do que está sendo.

As tramas, os fatos, os debates, discussões, projetos, experiências, diálogos de que participei nos anos 70, tendo a Pedagogia do Oprimido como centro, me parecem tão atuais quanto outros a que me refiro dos anos 80 e de hoje.

Gostaria agora, nestas palavras primeiras, de agradecer a um grupo de amigos e amigas, no Brasil e fora dele, com quem, antes mesmo de começar a trabalhar nesta Pedagogia da

Esperança, conversei sobre o projeto e de quem recebi importante estímulo.

Ana Maria Freire, Madalena Freire Weffort, Maria de Fátima Freire Dowbor, Lutgardes Freire, Ladislau Dowbor, Celso Beisieguel, Ana Maria Saul, Moacyr Gadotti, Antonio Chizzotti, Adriano Nogueira, Márcio Campos, Carlos Arguelo, Eduardo Sebastiani Ferreira, Adão J. Cardoso, Henry Giroux, Donald Macedo, Peter Park, Peter McLaren, Ira Shor, Stanley Aronowitz, Raúl Magaña, <sup>B. Ferreira</sup> João Pinto, Michael Apple, Madeleine Groumet, Martin Carnoy, Carlos Torres, Eduardo Hasche, Alma Flor Ada, Joaquim Freire, Susanne Mebes, Cristina Freire Heiniger e Alberto Heiniger.

Gostaria ainda de expressar meus agradecimentos a Ana Maria Freire, de quem sou marido, pelas excelentes notas que aclaram e amarram aspectos importantes de meu texto.

Me sinto devedor igualmente a Suzie Hartmann Lontra que, paciente e dedicadamente reviu comigo a datilografia dos originais. Digna de nota foi também a eficiente colaboração de minha secretária, Regina M. Silva Bueno.

Não poderia, por outro lado, deixar de trazer aqui meu reconhecimento a Werner Linz pelo entusiasmo com que sempre discutiu comigo, pessoalmente ou por carta, o projeto deste

livro, o mesmo entusiasmo com que, há 23 anos, recebeu, em Nova York, os manuscritos da Pedagogia do Oprimido, que editou.

Finalmente, a Marcos Gasparian, uma das melhores presenças brasileiras, hoje, entre os bons e sensíveis editores, meu abraço fraterno de admiração e meu muito obrigado pelo gosto com que constantemente discutiu comigo sobre o que viria a ser a Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.

Paulo Freire

São Paulo

Setembro

1992